

## COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura

Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações  
Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)

Thaís Bôto Xavier

### **SOCIEDADE EM REDES, O FIM DAS BARREIRAS DO RACISMO? REFLEXÕES SOBRE O RACISMO NO CIBERESPAÇO E PRÁTICAS EDUCATIVAS ANTIRRACISTAS**

Rio de Janeiro  
2019



Thaís Bôto Xavier

**SOCIEDADE EM REDES, O FIM DAS BARREIRAS DO RACISMO?  
REFLEXÕES SOBRE O RACISMO NO CIBERESPAÇO E PRÁTICAS  
EDUCATIVAS ANTIRRACISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá), vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico.

Orientador Professor: Marcos Vinicius Fiuza Coutinho

Rio de Janeiro  
2019

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

X3 Xavier, Thaís Bôto

Sociedade em redes, o fim da barreira do racismo? Reflexões sobre o racismo no ciberespaço e práticas educativas antirracistas / Thaís Botô Xavier. – Rio de Janeiro, 2019.

46 f.

Trabalho de conclusão de curso (Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Marcos Vinícius Fiuza Coutinho.

1. Relações étnico-raciais – Estudo e ensino. 2. Racismo. 3. Ciberespaço.  
I. Coutinho, Marcos Vinícius Fiuza. II. Título.

CDD 305.8

Thaís Bôto Xavier

**SOCIEDADE EM REDES, O FIM DAS BARREIRAS DO RACISMO?  
REFLEXÕES SOBRE O RACISMO NO CIBERESPAÇO E PRÁTICAS  
EDUCATIVAS ANTIRRACISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá), vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá).

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Professor Dr. Marcos Vinicius Fiuza Coutinho (Orientador)  
Colégio Pedro II

---

Professor Me. Wedson Cabral Pacheco  
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais

---

Professora Dr. Hélio de Sant'Anna dos Santos  
Colégio Pedro II

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e a todos que de alguma maneira contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa e a equipe de professores e coordenadores da Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá).

## RESUMO

XAVIER, Thaís Bôto. **Sociedade em redes, o fim das barreiras do racismo? Reflexões sobre o racismo no ciberespaço e práticas educativas antirracistas**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2019.

No século XXI vivenciamos a expansão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Tais ferramentas possibilitaram o rompimento das barreiras espaciais e a integração da sociedade em escalas antes inimagináveis. A presente pesquisa visa realizar uma análise do desenvolvimento da sociedade em redes através do ciberespaço e identificar como o racismo se reconfigura no mundo atual, bem como compreender as dinâmicas sociais, a partir do fenômeno da globalização, e como o mundo contemporâneo lida com a questão racial e o ciber-racismo no espaço escolar. A metodologia utilizada é baseada no levantamento bibliográfico de autores como Santos (2001) e Castells (1999), para refletir sobre a geografia do mundo globalizado e expansão das redes digitais; Moore (2007) com o intuito de estruturar a compreensão do racismo no mundo contemporâneo; e Cavalleiro (2001), na reflexão de práticas educativas antirracistas na educação brasileira.

**Palavras-Chaves:** Ciberespaço. Racismo. Globalização.

## RESUMEN

XAVIER, Thaís Bôto. **Sociedade em redes, o fim das barreiras do racismo? Reflexões sobre o racismo no ciberespaço e práticas educativas antirracista**, 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2019.

En el siglo XXI vivenciamos la expansión de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC). Esas herramientas permitieron romper las barreras espaciales e integrar a la sociedad en escalas inimaginables. La presente investigación tiene como objetivo analizar el desarrollo de la sociedad en redes a través del ciberespacio e identificar cómo se reconfigura el racismo en el mundo actual, así como comprender las dinámicas sociales, a partir del fenómeno de la globalización, y cómo el mundo contemporáneo aborda la cuestión de la raza y ciberracismo en el espacio escolar. La metodología utilizada se basa en la encuesta bibliográfica de autores como Santos (2001) y Castell (1999), para reflexionar sobre la geografía del mundo globalizado y la expansión de las redes digitales; Moore (2007) para estructurar la comprensión del racismo en el mundo contemporáneo; y Cavalleiro (2001) en la reflexión de las prácticas educativas antirracistas en la educación brasileña.

**Palabras clave:** Ciberespacio. Racismo. Globalización.

## ABSTRACT

XAVIER, Thaís Bôto. **Sociedade em redes, o fim das barreiras do racismo? Reflexões sobre o racismo no ciberespaço e práticas educativas antirracista**, 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2019.

In the 21st century we have been experiencing the expansion of Information and Communication Technologies (ICT). Such tools made it possible to break down space barriers and integrate society into previously unimaginable levels. This research aims to analyze the development of society in networks through cyberspace and to identify how racism is reconfigured in the contemporary world, as well as to understand social dynamics, from the phenomenon of globalization, and how the contemporary world deals with the race issue and cyber-racism in the school space. The methodology is based on the bibliographic survey of authors such as Santos (2001) and Castell (1999), to reflect on the geography of the globalized world and the expansion of digital networks; Moore (2007) in order to structure the understanding of racism in the contemporary world; and Cavalleiro (2001) in the reflection of anti-racist educational practices in Brazilian educational system.

Keywords: Cyberspace. Racism. Globalization.



**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 –Períodos Segundo Fu –Chen Lo.....	16
Tabela 2 – Os cinco maiores países da América do Sul no Ciberespaço e acordo com número de usuários da internet.....	24
Tabela 3 – Domínios mais denunciados em .....	28
Tabela 4 – População residente no Brasil por raça ou cor.....	34.

## **LISTA DE SIGLAS**

ANATEL - Agência Nacional de Telecomunicações

ENIAC, sigla em inglês que traduzida significa Computador e Integrador Numérico Eletrônico.

EUA - Estados Unidos da América

NEABIs - Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

TIC - Tecnologia da Informação Comunicação

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – O encolhimento do mapa do mundo graças a inovações nos transportes que “aniquilam o espaço por meio do tempo”.....18
- Figura 2 – Um anúncio da Alcatel de 1987 enfatiza uma imagem popular do globo encolhendo.....19
- Figura 3 – Percentual dos domicílios que possuem serviços de Telecomunicações.....21
- Figura 4 – Equipamento usado para acessar a Internet, dentre os domicílios em que havia utilização da Internet .....21
- Figura 5 – Motivo da não utilização da Internet dentre as pessoas que não utilizaram a Internet no período de referência dos últimos 3 meses.....22
- Figura 6 – Percentual que utilizaram a Internet no período de referência dos últimos 3 meses, por faixa de idade.....23
- Figura 7 – Finalidade do acesso à Internet dentre as pessoas que utilizaram a Internet no período de referência dos últimos 3 meses.....24
- Figura 8 – Taís Araújo recebe comentários racistas em página no Facebook.....37
- Figura 9 – Comentário de ataque racista a Maju.....38

## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. AMPLIAÇÃO DO MEIO TÉCNICO CIENTÍFICO INFORMACIONAL E O MUNDO GLOBALIZADO .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1. Reflexões sobre o conceito de ciberespaço e a dinâmica social .....</b>	<b>20</b>
<b>2.2. Sociedade Pós- Moderna .....</b>	<b>28</b>
<b>3. RACISMO E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....</b>	<b>31</b>
<b>3.1. Reflexões sobre a educação antirracista no ciberespaço .....</b>	<b>39</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>44</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A sociedade é um organismo dinâmico e por isso está sempre em constante transformação. É evidente que presenciamos nas últimas quatro décadas uma expansão das ferramentas tecnológicas, dentre as quais destacamos a internet como agente modificador da dinâmica social, ampliando as redes de interação e comunicação em escala global. Essas mudanças trazem à tona desafios para a compreensão dos novos padrões de interação social, principalmente no que diz respeito à fluidez da informação e à interferência na vida real das pessoas.

Dentro deste cenário de desenvolvimento tecnológico, ao transitar pelas redes sociais, deparamo-nos com uma multiplicidade de opiniões. As mídias de comunicação via internet permitem que os seus usuários também produzam conteúdos e os disponibilizem através de postagens em suas redes pessoais. A possibilidade de divulgar conteúdos de maneira indiscriminada deixou à mostra uma face perversa de nossa sociedade, antes oculta, ou talvez não tão explícita. O uso do anonimato e a velocidade dos fluxos de informação no espaço virtual têm tornado a internet um ambiente facilitador para a propagação do ódio e crime racial.

Poder identificar discursos racistas enquanto “navegava” em meu perfil pessoal no facebook me instigou a pesquisar sobre o racismo no espaço virtual, pois, aparentemente, não fazia sentido que em um mundo globalizado, onde o acesso à informação e conhecimento é muito fácil e rápido para um grande número da população, ainda nos deparássemos com um discurso tão retrógrado em relação à diversidade racial. Posteriormente entendi que o racismo não tem seu fim com o acesso ao conhecimento científico ou à informação. Vemos um problema que vem sofrendo mutações ao longo do tempo e não necessariamente está a caminho do seu fim.

Ao contrário do que se espera, as práticas racistas ganham força para se propagar em espaços de produção de conhecimento acadêmico, como a escola. Se considerarmos que o público adolescente (normalmente em idade escolar) é grande usuário da internet, é de se esperar que a dinâmica do espaço virtual reverbere na escola, sendo assim, uma escola comprometida com uma educação antirracista no espaço escolar e com preparo para orientar os estudantes sobre o uso das mídias sociais é fundamental.

Nesse contexto, a presente pesquisa foi desenvolvida com o objetivo geral de refletir sobre o racismo na sociedade contemporânea. Os objetivos específicos são: compreender a expansão e avanço dos meios de comunicação no mundo globalizado; identificar “novas” materializações do racismo na sociedade contemporânea ; e refletir sobre o ciberracismo e sua influência no cotidiano escolar.

Para isso, a pesquisa será baseada no levantamento bibliográfico de autores como; Santos (2001) e Castell (1999), para refletir sobre a geografia do mundo globalizado e expansão das redes digitais; Moore (2007) com o intuito de estruturar a compreensão do racismo no mundo contemporâneo; e Cavalleiro (2001) na reflexão de práticas educativas antirracistas na educação brasileira.

O texto foi constituído em duas grandes partes. A primeira parte corresponde a uma introdução referente à história da expansão das tecnologias da informação e comunicação (TIC) na sociedade no contexto da globalização, buscando evidenciar as transformações na dinâmica e articulação na sociedade inserida no ciberespaço e apresentar conceitos derivados desta transformação. A segunda parte se refere às análises sobre a reconfiguração do racismo na sociedade contemporânea, suas transformações mediante o mundo globalizado e como a escola lida com esta problemática.

## 2. AMPLIAÇÃO DO MEIO TÉCNICO CIENTÍFICO INFORMACIONAL E O MUNDO GLOBALIZADO

O debate sobre a temática da globalização parece ser tão corriqueiro que em muitos casos as reflexões aparecem esvaziadas de uma fundamentação conceitual. Inquestionavelmente, percebemos a expansão das relações econômicas ao redor do mundo, porém esta integração não fica restrita ao mundo financeiro. As relações sociais também acompanharam as transformações técnicas e o “rompimento<sup>1</sup>” das fronteiras, visto que os sistemas tecnológicos também são produtores de valores, comportamentos e pensamentos.

Santos (2001) define a globalização como o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista (SANTOS, 2001, p.23), e de fato temos testemunhado as modificações da sociedade frente às novas conjunturas técnicas. Contudo, este fenômeno possui características antagônicas em sua gênese. Juntamente com a ampliação da escala da dinâmica social, derivada do progresso científico e técnico, reconhece-se que o mundo passa a ser um mundo confusamente percebido em decorrência da grande circulação de informação oriunda de diversos locais do mundo. Usando a metáfora de Santos (2001), a era da globalização produziu a Torre de Babel na história humana.

Sendo assim, analisar a dinâmica social no contexto da globalização não significa observar uma sociedade a caminho da homogeneização, e sim compreender as singularidades presentes na configuração do mundo no período de integração global. Segundo Santos (2001), a mundialização se deu em grande parte do planeta de forma perversa, isto porque ao mesmo tempo em que amplia a divulgação da informação, também a concentra e, desta maneira, ao integrar somente os possuidores dos recursos técnicos, também exclui os que não os detém. As fronteiras mudaram, mas nunca estiveram tão vivas (SANTOS, 2001, p.42). Harvey (1992) e Santos (2001) afirmam que a redução das barreiras espaciais aumentou a sensibilidade e o reconhecimento dos espaços que o mundo contém.

---

Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. É como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance da mão. Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos autores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal (SANTOS, 2001, p.18-19).

De acordo com Santos (2001) para a compreensão da globalização devemos considerar dois elementos fundamentais: o estado da (1) técnica e da (2) política. Esses dois elementos devem ser analisados de maneira indissociável, pois ambos foram importantes para a história humana. A técnica é definida por Santos (2006) como: “[...] um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”. (SANTOS, 2006, p.16).

Cada época se constitui pela técnica (formas de se fazer). Elas são processos evolutivos e representam assim o sistema técnico de um dado momento e as características da sociedade e seu uso do espaço. A compreensão da técnica é de suma importância, “dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (CASTELLS, 1999, p. 43). Lévy (1999) esclarece sobre a influência da técnica em nossa sociedade:

Uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas. E digo condicionada, não determinada. Essa diferença é fundamental. [...] Não há uma "causa" identificável para um estado de fato social ou cultural, mas sim um conjunto infinitamente complexo e parcialmente indeterminado de processos em interação que se autosustentam ou se inibem. (LÉVY, 1999, p.23)

Sendo assim, não é possível afirmar que as ferramentas técnicas são exclusivamente as responsáveis pelas transformações sociais, uma vez que elas fazem parte da sociedade como um todo, formado por variáveis muito complexas.

O senso comum tende a associar técnica à indústria, porém, engana-se quem acredita que o desenvolvimento técnico tem início com a instauração da Revolução Industrial. De acordo com J. Rose (1974, apud Santos, 2006, p.111) existem “*três grandes tempos: a revolução neolítica, a revolução industrial, a revolução cibernética.*”

A revolução neolítica tem início há cerca de 10 mil anos e se caracteriza pelo desenvolvimento das técnicas agrícolas, em que os grupos humanos acumularam conhecimentos e habilidades para transformar o cotidiano do homem pré-histórico, que anteriormente tinha como característica sociedades compostas por grupos nômades, dispersos no território de acordo com a disponibilidade dos recursos naturais. A revolução agrícola dá início às sociedades sedentárias, onde os indivíduos desenvolvem a agricultura e o pastoreio, possibilitando sua instalação em um local fixo que posteriormente deu início às primeiras aglomerações populacionais e à formação de vilas e cidades.



Já na Revolução Industrial teve início o desenvolvimento técnico dos métodos fabris e a expansão da maquinifatura, transformando os processos produtivos em escala mundial, e impulsionando a formação das cidades urbano-industriais. A Revolução Cibernética surge caracterizada pelo sistema de computadores, comunicação, informação e a automação do sistema produtivo, marcada pelo advento da *internet*.

Ao compreender a conceituação de técnica e suas diferentes transformações ao longo da história da humanidade, é possível restringir nosso objeto de estudo aos desenvolvimentos técnicos pós- revolução industrial, já que este foi um período marcante de transformação social. Segundo Santos (2006), a técnica pós – revolução industrial possui uma historicidade que pode ser dividida em períodos, comumente chamada de revoluções tecnológicas. Utilizaremos a divisão de Fu-Chen Lo (1991) apud Santos (2006), que divide em cinco períodos, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Períodos segundo Fu-Chen - Lo<sup>2</sup> (1991)

Paradigma Tecnoeconômico	Primeira Mecanização 1770-1840	Máquina a Vapor e Strada de Ferro 1830-1890	Eletricidade e Engenharia Pesada 1880-1940	Produção Fordista de Massa 1930-1990	Informação e Comunicação 1980-?
Setores de Crescimento	-máquinas têxteis -química -fundição	-máquinas a vapor -estradas de ferro e seus equipamentos -máquinas -instrumentos	-Engenharia elétrica -Engenharia mecânica -Cabos e fios -Produtos siderúrgicos	-Automóveis -Aviões -Produtos sintéticos -Petroquímica	-Computadores -Bens eletrônicos de capital - Telecomunicações -Novos materiais -Robótica -Biotecnologia
Novas Inovações	-máquina a vapor	-aço -eletricidade -gás -corantes artificiais	-automóvel -avião -rádio -alumínio -petróleo -plásticos	-computadores -televisão -radar -máquinas-instrumentos -drogas	

Fonte: Santos, 2006 p.113

A partir do final do século XX, em especial na década de 70, é possível observar uma ampliação do desenvolvimento científico, principalmente no que diz respeito às tecnologias de informação. Castells (2000) denomina este período como um novo

<sup>2</sup> Períodos da Revolução da Técnica.

paradigma tecnológico. Entende-se tecnologia como: “o uso de conhecimentos científicos para especificar as vias de se fazerem as coisas de uma maneira reproduzível” (CASTELLS, 2000, p.49). Dentre esses conhecimentos podemos citar: a computação, cibernética, eletrônica, informática, telecomunicação, que posteriormente corroboraram para a formação de um sistema técnico em escala mundial.

As tecnologias da informação, processamento e comunicação são os eixos centrais das transformações as quais vivemos na atualidade. A tecnologia da informação é para esta revolução o que as novas fontes de energia foram para as Revoluções Industriais sucessivas, do motor a vapor à eletricidade, aos combustíveis fósseis e até mesmo à energia nuclear (CASTELLS, 2000, p.50).

A técnica na atualidade vincula-se com a globalização, sendo assim, as transformações atuais possibilitam a rapidez no processo de inovação tecnológica e difusão geográfica. O acesso à tecnologia passa a ser praticamente inevitável, pois estamos na Era da Informação, na qual estar conectado em redes digitais se torna essencial para a dinâmica social. Essas tecnologias da informação se constituem por uma convergência tecnológica entre computação e telecomunicações.

O computador aparece como o principal instrumento para essa Era. Manipulador da informação, o computador amplia o poder de comunicar (antes realizado pelo automóvel, o rádio, a televisão e a mídia impressa) (SANTOS, 2006, p.121). Os primeiros computadores foram criados no período da Segunda Guerra Mundial com objetivos bélicos - realizar os cálculos das aeronaves, por exemplo. O primeiro computador foi desenvolvido em 1946, na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos da América (EUA), chamado ENIAC, sigla em inglês que traduzida significa Computador e Integrador Numérico Eletrônico, e eram aparelhos de grande porte (CASTELLS, 1999).

No entanto, de acordo com Castells (1999), o primeiro microcomputador de grande alcance comercial foi o Apple II, da empresa Apple Computer, criada por Steve Wozniak e Steve Jobs, com alcance de US\$ 583 milhões em vendas no ano de 1982, também nos EUA. O desenvolvimento da microeletrônica utilizada nos microcomputadores, acompanhada pelas telecomunicações, possibilitou a associação entre a telefonia móvel e a capacidade dos computadores enviarem e receberem mensagens, gerando através dos aparelhos celulares móveis uma comunicação ubíqua<sup>3</sup> entre os usuários.

---

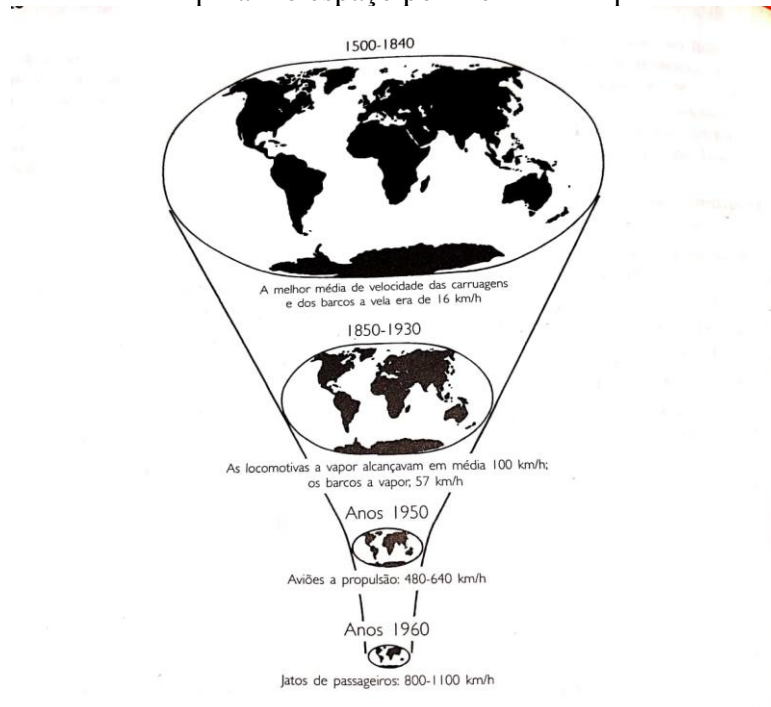
<sup>3</sup> Ubíquo: Segundo o dicionário Aurélio (2008), define-se por ubíquo aquilo que está ao mesmo tempo em toda parte.

A expansão das técnicas de informação, em especial a telefonia móvel, proporcionou a “unicidade do tempo ou a convergência dos momentos” (SANTOS, 2001, p.28), ou seja, vivenciamos o tempo real em múltiplos lugares. Temos o conhecimento instantâneo do acontecer do outro, uma comunicação interativa e incessante em tempo real.

Assim, o microprocessador possibilitou o microcomputador; os avanços em telecomunicações, mencionados anteriormente, possibilitaram que os microcomputadores funcionassem em rede, aumentando assim seu poder e flexibilidade (CASTELLS, 1999, p.68).

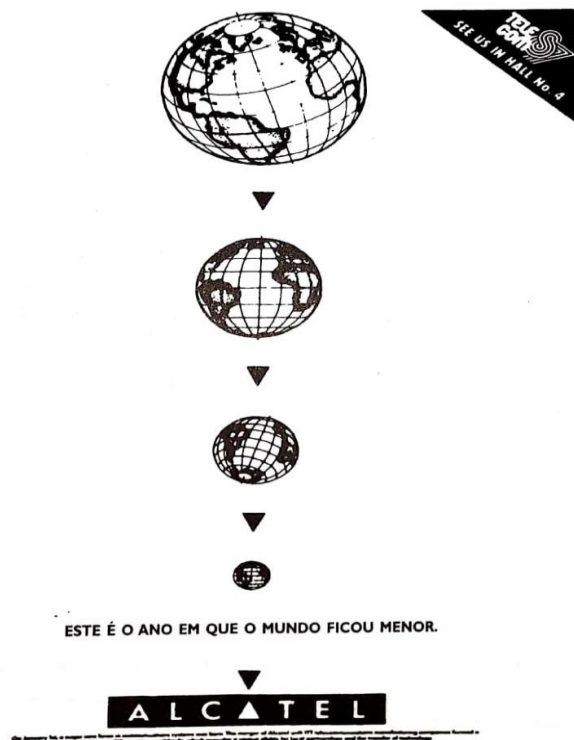
Harvey (2014) denomina este fenômeno de “compressão do tempo-espaço”, conceito aproximado com o de Santos (2001), para identificar a aceleração do ritmo de vida, uma vez que o rompimento das barreiras espaciais parecem reduzir o mundo. A Figura 1 e a Figura 2 mostram ilustrações presentes no livro de Harvey (1992), *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural*, no qual é possível observar o “encolhimento” do mundo, mediante as inovações das tecnologias de informação e comunicação.

Figura 1- O encolhimento do mapa do mundo graças a inovações nos transportes que “aniquilam o espaço por meio do tempo”



Fonte: Harvey, 1992, p.220

Figura 2 – Um anúncio da Alcatel de 1987 enfatiza uma imagem popular do globo encolhendo



Fonte: Harvey, 1992, p.221

A concepção de tempo-espaço é modificada, uma vez que as relações sociais são intensificadas em decorrência da velocidade de circulação da informação e do rompimento das fronteiras espaciais, possibilitando a convergência dos momentos vividos pelos indivíduos, em que é possível acompanhar notícias em tempo real, mesmo em outra cidade, país ou continente. O mundo parece ter diminuído em decorrência da velocidade da circulação da informação.

A comunicação, ao ganhar uma integração em rede global, transforma-se, pois a dinâmica social não fica restrita ao contexto local, o ganho de escala espacial expande os limites das relações sociais. Identificamos a consolidação do mundo em redes. De acordo com Santos (2006) as redes atuais são

A linguagem das normas e ordens que atores longínquos fazem repercutir instantaneamente e imperativamente sobre outros lugares distantes. Tais redes são os mais eficazes transmissores do processo de globalização a que assistimos (SANTOS, 2006, p.179).

A princípio a produção e vida em redes estavam restritas a pequenas relações de consumo, na escala local. De acordo com Santos (2006), a experiência era vivenciada no tempo lento. Agora, no período Técnico Científico Informacional, as forças estão distribuídas pelo território e articuladas pelos objetos técnicos criados pelo homem, possibilitando uma sociabilidade à distância. Sendo assim, as relações sociais não estão

restritas ao contexto local, mas se amplificam em conexões globais. Deve ser sempre ressaltado que as conexões globais não exterminaram as barreiras sociais existentes no mundo.

De um modo geral, identificamos o ciberespaço como participante da sociedade contemporânea, portanto, cabe à geografia analisá-lo como uma nova materialização da sociedade.

### **2.1. Reflexões sobre o conceito de ciberespaço e a dinâmica social**

A partir do que foi exposto anteriormente, percebemos que a revolução da comunicação modificou a dinâmica da esfera social. Os avanços tecnológicos admitiram o distanciamento físico dos indivíduos e com isso percebemos que as experiências do cotidiano não estão mais vinculadas exclusivamente a um espaço concreto, e sim ao espaço virtual, aqui denominado como ciberespaço.

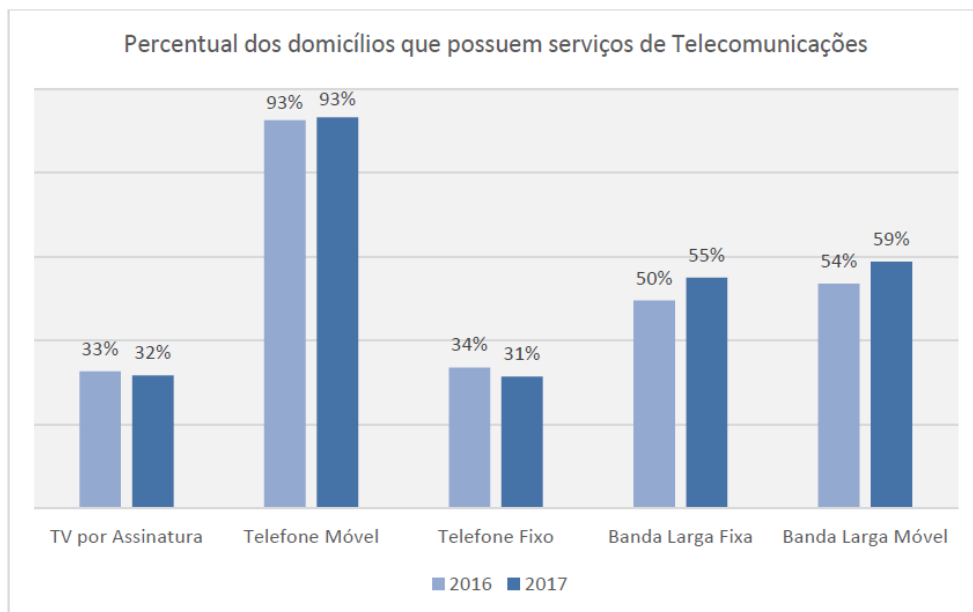
De acordo com Silva; Tacman (1999, p.57-58) ciberespaço é:

um espaço não físico ou territorial no qual uma alucinação consensual pode ser experimentada diariamente pelos usuários. O ciberespaço é a “Matrix”, uma região abstrata invisível que permite a circulação de informações na forma de imagens, sons, textos etc. Este espaço virtual está em vias de globalização planetária e já constitui um espaço social de trocas simbólicas entre pessoas dos mais diversos locais do planeta-

Para que os indivíduos tenham acesso ao ciberespaço, é necessário que se estabeleçam as condições materiais para sua implantação. Trata-se de criar “um arranjo espacial que inclui [...] linha telefônica, provedor de acesso, redes telemáticas e outros meios eletrônicos” (SILVA, 1999, p. 58). Dada à importância de se estar inserido na dinâmica da Era científica informacional, os países passam a investir em políticas públicas de inclusão digital da população.

Segundo o Relatório Técnico – Destaque na PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), TIC disponibilizado pela Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), no Brasil o percentual dos domicílios que possuem serviços de telecomunicação com telefone móvel é alto, 93% em 2017, mas a banda larga fixa e móvel não acompanha o percentual dos aparelhos móveis. Assim, podemos interpretar que, apesar dos domicílios possuírem um telefone móvel, não há a garantia do acesso à banda larga e à internet.

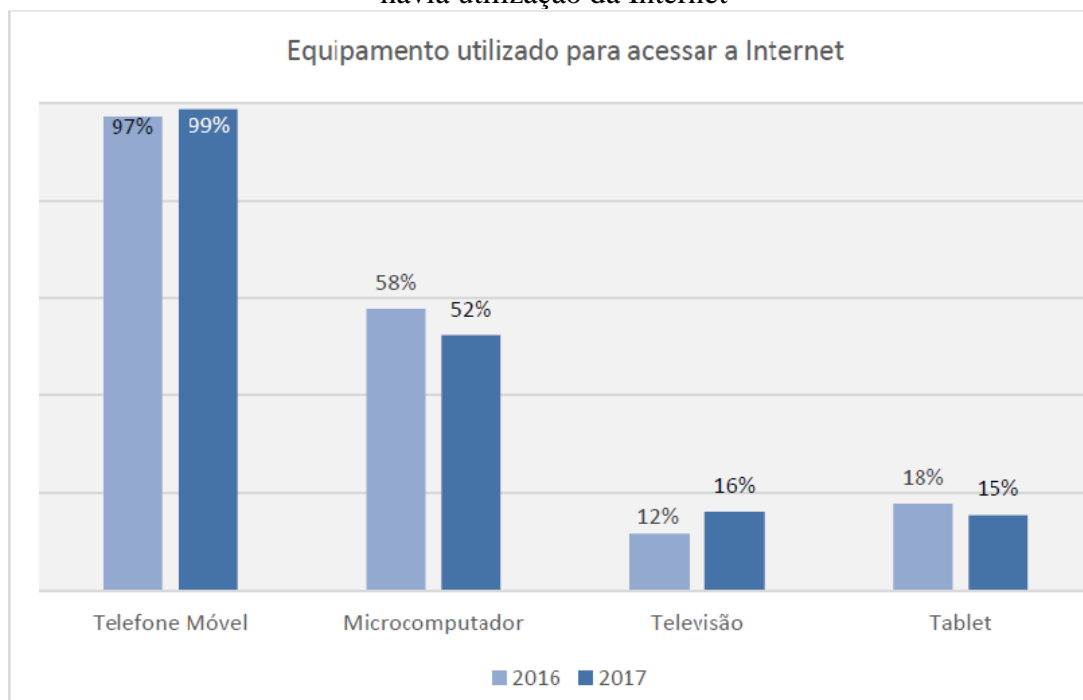
Figura 3 - Percentual dos domicílios que possuem serviços de Telecomunicações



Fonte: Anatel. Relatório Técnico - Destaques na PNAD TIC - 2a Edição

O acesso à internet não está restrito ao telefone móvel como equipamento, é possível observar na figura 4 outros equipamentos utilizados para o acesso a internet.

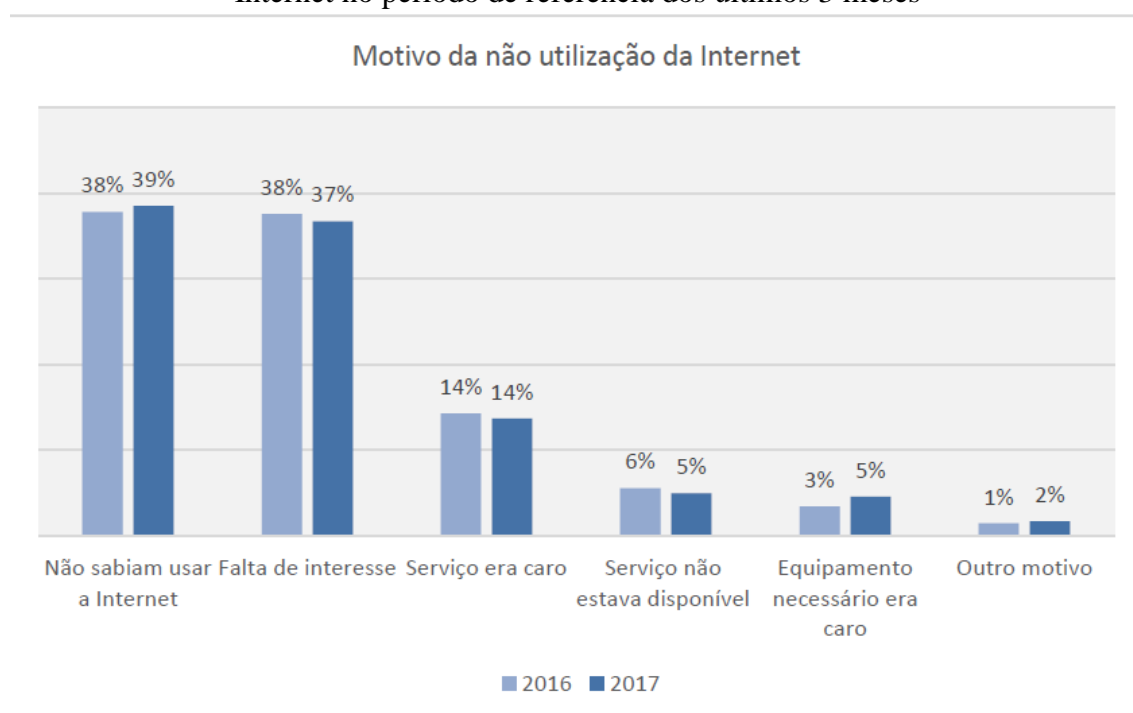
Figura 4 - Equipamento usado para acessar a Internet, dentre os domicílios em que havia utilização da Internet



Fonte: Anatel. Relatório Técnico - Destaques na PNAD TIC - 2a Edição

De acordo com os dados da empresa Internet World Stats, o Brasil possui mais de 149 milhões de internautas, contabilizando 70,7% de penetração na internet no ano de 2017. A inserção dos indivíduos ao ciberespaço está vinculada à capacidade financeira, pois é necessário o aparelho eletrônico (celular ou computador), acesso à banda larga, software<sup>4</sup>, cabos de fibra ótica, etc. Parte da população não tem como custear os recursos materiais para participar do ciberespaço. O Relatório Técnico da ANATEL mostra alguns dos motivos para as pessoas não utilizarem a internet nos últimos três meses em 2017.

Figura 5- Motivo da não utilização da Internet dentre as pessoas que não utilizaram a Internet no período de referência dos últimos 3 meses



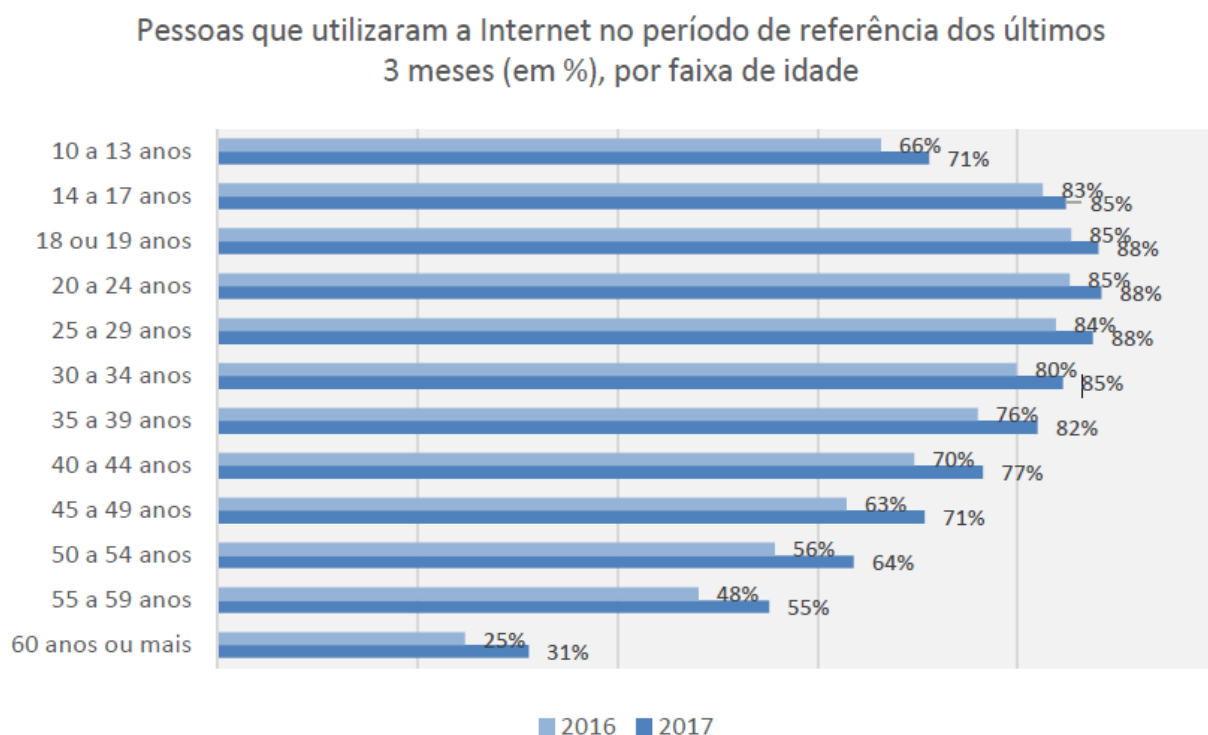
Fonte: Anatel. Relatório Técnico - Destaques na PNAD TIC - 2a Edição

A partir da observação do gráfico acima, podemos identificar que a falta de conhecimento para o uso da internet, a falta de interesse e o custo do serviço são os três principais fatores que impedem a inserção das pessoas no ciberespaço. Sendo assim, a ideia da implantação de uma aldeia global a partir do fenômeno da globalização mostra-se falha e perversa, uma vez que segrega os que não têm possibilidade de acesso às ferramentas técnicas.

<sup>4</sup> Um software pode ter varias funções: Jogos, cálculos, Criação de texto, edição de imagem, edição de vídeo, conversão de vídeo, reprodutor de multimídia, acesso á internet, etc. Resumindo, é tudo que pode ser executado no computador. Disponível em: <https://www.infoescola.com/informatica/software/>. Acessado: 24 de julho de 2019

O segundo motivo mais citado para a não utilização da internet foi a falta de interesse, representando 37% das residências em 2017. Ao analisar a faixa etária das pessoas que tiveram acesso a internet, como apresentado na figura 6, podemos deduzir qual a faixa etária da população que não possui interesse em utilizar a internet.

Figura 6 - Percentual que utilizaram a Internet no período de referência dos últimos 3 meses, por faixa de idade



Fonte: Anatel. Relatório Técnico - Destaques na PNAD TIC - 2a Edição.

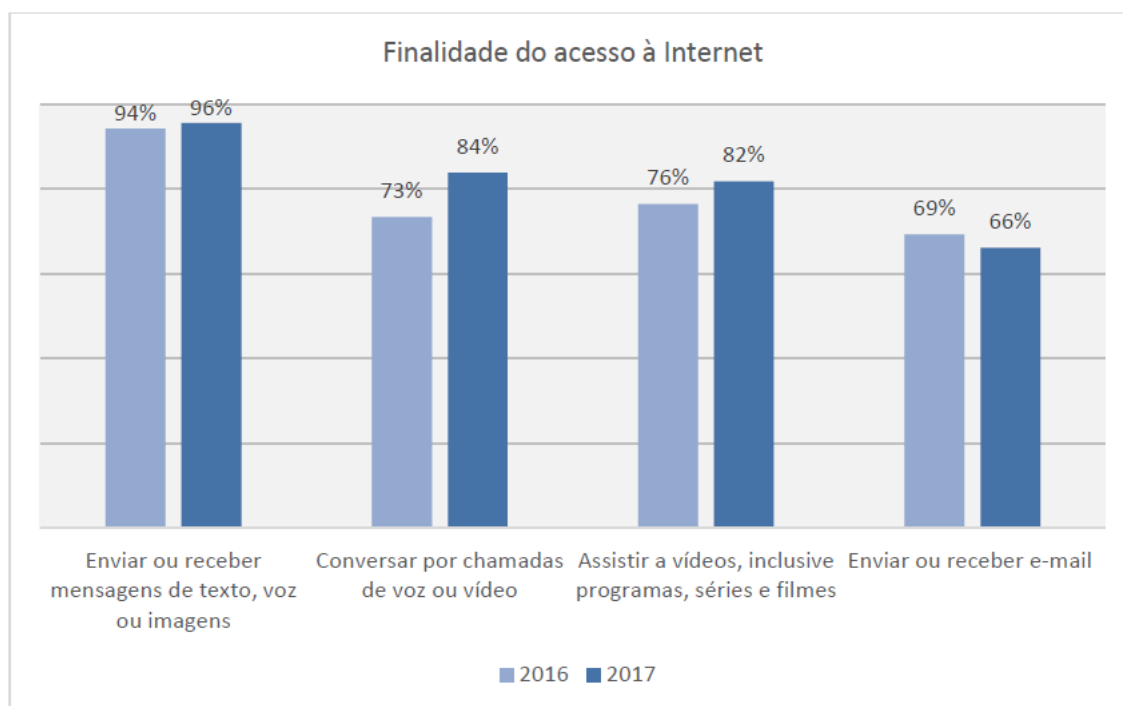
A figura acima nos mostra que quanto maior a idade menor é o número de pessoas que utilizam a internet. Em contrapartida, o grupo mais jovem tem as maiores porcentagens de utilizadores da internet, com destaque para as pessoas com idades entre, 18 ou 19 anos; 20 ou 24 anos; e 25 ou 29 anos, com 88% fazendo o uso da internet nos últimos três meses em 2017.

É interessante ressaltar que dentre as pessoas que mais usam a internet boa parte está em idade escolar e isto mostra que a internet faz parte do cotidiano dos estudantes.

No que se refere à finalidade do acesso à internet, os dados apresentados na Figura 7 nos mostram que em grande parte a função é enviar mensagens de texto, voz e imagens.



Figura 7 - Finalidade do acesso à Internet dentre as pessoas que utilizaram a Internet no período de referência dos últimos 3 meses



Fonte: Anatel. Relatório Técnico - Destaques na PNAD TIC - 2a Edição

A finalidade principal da internet está ligada à interação das pessoas e à troca de informações, possivelmente através de redes sociais. Na tabela 2 podemos identificar como o Brasil e os países da América Latina estão em relação ao número de adeptos do ciberespaço.

Tabela 2

Os cinco maiores países da América do Sul no ciberespaço de acordo com números usuários da internet

América do Sul	População 2018	Usuários da Internet	% da população (penetração)
Brasil	210.867.954	149.057.635	70,7%
Argentina	44.688.864	41.586.960	93,1%
Colômbia	49.464.683	31.275.567	63,2%
Peru	32.551.815	22.000.000	67,3%
Venezuela	32.381.221	17.177.843	53,1%

Fonte: Internet World Stats, 2017.  
Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/>

Apesar de o Brasil ter um quantitativo significativo da população com o acesso à internet, é possível identificar que grande parte das pessoas não tem acesso aos recursos do mundo virtual. Isso evidencia a necessidade dos governos brasileiros adotarem medidas para a democratização do acesso à internet, de maneira que minimize a exclusão digital no país.

Tendo em vista os 149 milhões de usuário da internet, fica explícito que o ciberespaço compõe o cotidiano de parte da população brasileira, que nele vivencia a realidade virtual, esta, inteiramente ligada ao espaço real, onde os indivíduos buscam suas “tribos” para compartilhar interesses em comum, através de endereços eletrônicos e redes sociais.<sup>5</sup> A configuração da sociedade em redes é algo próprio do ser humano, mesmo antes do advento da internet, uma vez que se agrupam com seus semelhantes, expandindo sua esfera social.

A partir das inovações tecnológicas, o termo redes sociais ganhou uma nova roupagem e noção de uso. Tomaél; Alcará; Di Chiara (2005) conceituam as redes sociais como [...] fenômenos coletivos, sua dinâmica implica relacionamento de grupos, pessoas, organizações ou comunidades, denominados atores. Possibilitam diversos tipos de relações – de trabalho, de estudo, de amizade, entre outras – [...] (TOMAÉL; ALCARÁ; DI CHIARA. 2005, p.94).

Estamos conectados em redes o tempo todo, sejam elas redes de sociabilidade física ou virtual (tendo a internet como mediadora). A internet possibilitou o rompimento das barreiras geográficas através da rede tecnológica, contudo, as redes estão intimamente ligadas à realidade.

As redes sociais tecnológicas possuem uma abordagem dialética, pois são construídas a partir do movimento entre mundo real e virtual, estável e dinâmico, local e global. Elas se formam devido ao jogo de interesse, no qual agentes coletivos estabelecem uma relação de conexão com indivíduos que compartilham os mesmos interesses, articulados em prol de ações coletivas.

Neste contexto, o *Facebook* surge como ferramenta geradora de redes de confiança no âmbito tecnológico. É evidente a participação considerável da população brasileira no ciberespaço, em especial ressaltaremos o uso das redes sociais, nesta

---

<sup>5</sup> Lembrando que, apesar de uma grande porcentagem da população brasileira ter acesso aos meios de comunicação virtual, percebe-se uma porcentagem significativa não tem acesso. Isto evidencia que o acesso à internet não se democratizou no Brasil.

pesquisa, o *facebook*. Segundo a *Internet World Stats*, em 2017 o *Facebook* possuía 139 milhões de usuários, com 65,9% de taxa de penetração.

A taxa de penetração de brasileiros no *facebook* ressalta sua participação na dinâmica social no ciberespaço, configurando um objeto de pesquisa importante para os estudos de ciências humanas. Segundo Moreira e Correia (2014, p. 168), o *facebook* é definido como

um *website*, que interliga páginas de perfil dos seus utilizadores. Tipicamente, é nestas páginas que os utilizadores publicam as mais diversas informações sobre eles próprios, e são também os utilizadores que ligam os seus perfis aos perfis de outros utilizadores.

Os autores evidenciam três atividades permitidas no *facebook*:

- 1- publicar informação pessoal relevante numa página individual com o seu perfil,
- 2- ligar-se a outros utilizadores e criar listas de amigos,
- 3- e interagir com outros utilizadores (MOREIRA E CORREIA, 2014, p.168).

A dinâmica social no espaço tecnológico das redes sociais, com o *facebook*, difere dos tradicionais meios de comunicação de massa; os indivíduos na internet não são espectadores passivos à informação que é transmitida, mas são classificados como usuários. Os usuários possuem capacidade de selecionar os conteúdos e determinar o tipo de informação que desejam acessar na internet, além de também poderem desenvolver conteúdos para disponibilizar na sua página pessoal.

Percebemos que as tradicionais posições – receptor/meio/emissor - estabelecidas por um paradigma de comunicação baseado nos meios de comunicação de cultura de massa não dão conta de explicar os fluxos contemporâneos estabelecidos na sociedade em redes digitais. Não há indivíduos passivos, uma vez que a comunicação se estabelece a partir do contato com os circuitos interativos (computador, sites, celulares).

O trunfo de estar inserido nesta realidade virtual é o anonimato, já que os indivíduos podem manifestar sua essência, inclusive contrariando as leis sociais. De acordo com Silva e Tacman (1999), os diferentes grupos eletrônicos podem gerar articulações que intervêm no espaço real. Podemos citar como exemplo grupos de pré-vestibular social, movimentos sociais, grupos de proteção animal, “vaquinhas” solidárias, que utilizam as redes sociais como ferramenta política social; além de crimes como redes de semitismo, racismo, pedofilia - utilizadas para propagar o ódio. Percebemos que “O que ocorre no ciberespaço é apenas uma potencialização das relações sociais” (SILVA E TACMAN, 1999, p. 63).

A construção de grupos no ciberespaço estimulados por interesses diversos, apropriam-se do anonimato para alastrar discursos de ódio, fundamentados no argumento do exercício da liberdade de expressão. Com os crescentes números de problemas associados ao uso indevido da internet, grupos da sociedade civil passaram a se articular com o intuito de criar frentes de enfrentamento aos crimes de atentado aos Direitos Humanos na internet, com destaque para o *SaferNet* Brasil.

A *SaferNet* Brasil é uma associação civil de direito privado, com atuação nacional, sem fins lucrativos ou econômicos, sem vinculação política partidária, religiosa ou racial. [...] se consolidou como entidade de referência nacional no enfrentamento aos crimes e violações aos Direitos Humanos na Internet, e tem se fortalecido institucionalmente no plano nacional e internacional pela capacidade de mobilização e articulação, produção de conteúdos e tecnologias de enfrentamento aos crimes cibernéticos e pelos acordos de cooperação firmados com instituições governamentais, a exemplo do Ministério Público Federal (*SaferNet*, 2019).

O anonimato é definido pelo dicionário Aurélio como “estado do que é anônimo, sem nome ou assinatura do autor, obscuro”. A constituição brasileira garante a liberdade de pensamento dos indivíduos, constituindo um direito básico do ser humano. Todavia, a liberdade de expressão deve se manifestar paralelamente com outros direitos fundamentais do ser humano. A *SaferNet* acredita que o anonimato pode ser usado de duas formas:

Forma positiva:

- Empoderar pessoas, dando voz àqueles que por alguma razão enfrentam dificuldades de ter espaço para expressar seus pontos de vistas;
- Permitir a participação e engajamento, oferecendo a sensação de segurança e proteção;
- Ajudar às pessoas a falarem de forma mais aberta, sem medo e receio de censura;
- Proteger as informações e os dados pessoais, diminuindo a vigilância e a violação da privacidade.

Forma negativa pode:

- Disseminar discurso de ódio com o intuito de discriminar pessoas e grupos de indivíduos, baseado na raça, cor, religião, descendência ou origem étnica ou nacional;
- Humilhar e intimidar outras pessoas de forma repetitiva, provocando constrangimento para quem sofre esse tipo de agressão;
- Assediar e chantagear sexualmente com o propósito de produzir e compartilhar imagens eróticas ou sexuais e cometer abuso sexual online e offline (*SAFERNET*, 2019).

Dentro das formas negativas de uso do anonimato, o racismo corresponde aos crimes que ocupam os rankings de denúncias na internet. De acordo com os indicadores da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, disponível no site da *Safernet*, no ano de 2018, sua central de denúncias recebeu e processou 8.337 denúncias anônimas

de racismo no mundo. Dentre os domínios com mais páginas denunciadas por racismo em 2018, o *facebook* ocupa o primeiro lugar, com 3306 denúncias. O quadro abaixo nos mostra os cinco domínios com páginas mais denunciadas em 2018, acusadas de racismo.

Tabela 3 - Domínios mais denunciados em 2018

	Domínios	Denúncias
1	Facebook.com	3306
2	Twitter.com	921
3	Instagram.com	499
4	Youtube.com	236
5	Xvideo.com	133

Fonte: Indicadores SaferNet, 2018.

Disponível em: <http://indicadores.safernet.org.br/index.html>

Com base nas reflexões feitas e nos dados expostos, fica evidente que a internet se torna um espaço para a manifestação e prática do racismo na contemporaneidade. Apesar da legislação brasileira estar se aprimorando no que diz respeito aos crimes cibernéticos, ainda possuímos uma fragilidade em relação à investigação e as acusações destes tipos de crimes.

## 2.2.Sociedade Pós- Moderna

Para a compreensão do comportamento social, é necessário reconhecer a trajetória do pensamento humano e a forma de organização da sociedade. A sociedade ocidental foi construída a partir da lógica da modernidade europeia, imposta ao longo da história pelo discurso colonial, estabelecendo assim uma racionalidade supostamente verdadeira e universal. Ao longo deste tópico iremos realizar uma reflexão sobre o período social, cultural e político denominado modernidade, seu início, desenrolar e possível fim.

Apesar de o termo modernidade ser usado corriqueiramente, sua conceituação científica requer um olhar atento. Segundo Berman (1982), a modernidade é o conjunto de experiências de tempo e espaço compartilhadas pelos indivíduos no mundo. O autor a divide em três fases: a primeira tem origem no início do século XVI e findou-se no final do século XVIII. Nessa fase as pessoas estão tendo seu primeiro contato com a vida moderna e não existe uma compreensão coletiva sobre uma comunidade moderna.

A segunda fase tem como marco a onda revolucionária em 1790, iniciada pela Revolução Francesa. Alicerçado em ideais revolucionários, suscita diversas mudanças na vida pessoal, social e política da época. Simultaneamente, temos o desenrolar da Revolução Industrial, expansão das cidades, da indústria e desenvolvimento de instrumentos de mídia, como jornais, telégrafos e o telefone. Aparentemente há a atmosfera de uma sociedade sólida, porém as transformações evidenciam uma instabilidade e o princípio de fluidez.

A sociedade europeia, pautada principalmente nesse momento nos princípios teológicos, começa a abandonar progressivamente tais preceitos, e passa a valorizar sobretudo o racionalismo, caracterizando uma ruptura e o surgimento de um novo contexto social. De acordo com Harvey (1992),

O desenvolvimento de formas racionais de organização social e de modos racionais de pensamento prometia a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição, liberação do uso arbitrário do poder, bem como do lado sombrio da nossa própria natureza humana. Somente por meio de tal projeto poderiam as qualidades universais, eternas e imutáveis de toda humanidade ser reveladas (HARVEY, 1992, p.23).

Neste segundo momento, havia uma abundância de discursos de igualdade, liberdade e fé na razão humana e universal, um otimismo extremo, em relação à expectativa do futuro da sociedade moderna.

A terceira e última fase ocorre no século XX, período em que a modernização alcança escala mundial, através das ferramentas virtuais. Temos início à expansão do mundo moderno, transformando a arte e o pensamento. Berman (1982) evidencia as características da modernidade após o século XX :

Na pintura e na escultura, na poesia e no romance, no teatro e na dança, na arquitetura e no *design*, em todo um setor de *media* eletrônica e em um vasto conjunto de disciplinas científicas que nem sequer existiam um século atrás, nosso século produziu uma assombrosa quantidade de obras e idéias da mais alta qualidade. O século XX talvez seja o período mais brilhante e criativo da história da humanidade, quando menos porque sua energia criativa se espalhou por todas as partes do mundo (BERMAN, 1982, p.23).

O homem e mulher modernos, pós século XX, eram vistos como a esperança da humanidade alcançar seu rompimento com as tradições fundamentadas em pressupostos não científicos, a caminho de uma suposta liberdade. No período pós- guerras, houve grandes avanços tecnológicos e neste momento nos deparamos com a modernidade que considera a técnica como ferramenta para estabilizar a sociedade e sanar suas angústias:

O computador, em poucas palavras, promete através da tecnologia a possibilidade pentecostal de entendimento e unidade universais. O próximo passo lógico parece ser (...) ultrapassar as linguagens em favor de uma generalizada consciência cósmica. (...) A condição da “ausência de peso” que,

segundo os biólogos, representará a imortalidade física, deve ser posta em paralelo com a condição da ausência da fala, que poderá significar a perpetuidade da paz e harmonia coletiva (BERMAN, 1982, p.25).

A ascensão da modernidade em escala global possibilitou vínculos com “mundos” antes longínquos, e distanciou a necessidade desesperada de dar identidade e unicidade à sociedade, em detrimento da internacionalização da vida cotidiana (Berman, 1982, p.34). Este paralelo entre valores rígidos (derivados da tradição) e a experiência da vida moderna estabeleceu um movimento dialético, no qual as tradições são suprimidas, por isso Berman utiliza a frase de Marx, “tudo está impregnado do seu conteúdo”, “tudo o que é sólido desmancha no ar”, uma vez que valores tão sólidos reaparecem, mas neste momento como fluídos.

Segundo Harvey (1992) O otimismo sustentado pela segunda fase da modernidade se desfaz ao longo do século XX, visto que as guerras mundiais, a ameaça nuclear e conflitos armados neste século evidenciam o desmantelamento do progresso humano. O projeto do Iluminismo estava fadado a voltar-se contra si mesmo e transformar a busca da emancipação humana num sistema de opressão universal em nome da libertação humana (HARVEY, 1992, p.23).

A ideia de que o mundo poderia ser organizado a partir de uma única racionalidade presumia um modo de conceber o mundo universal. E a concepção universal é a sabedoria da elite, que no caso iluminista era masculina e branca.

Podemos dizer que o homem moderno se caracteriza pela transformação radical de todo mundo físico, moral e social no qual vive (BERMAN, 1982, p.42). Portanto, entendemos que a modernidade foi vista em todas suas fases como uma progressiva iluminação da história do pensamento humano, a emancipação humana universal, apesar de ter servido para dominação a partir do discurso único.

Foi possível conceituar brevemente a modernidade, já a pós-modernidade é conceituada por Vattimo (1996):

O pós moderno se caracteriza não apenas como novidade com relação ao moderno, mas também como dissolução da categoria do novo como experiência de “fim da história” mais do que como apresentação de uma etapa diferente, mais evoluída ou mais retrógrada, não importa da própria história (VATTIMO, 1996, p. IX ).

Diferente das fases que compõem a modernidade, a conceituação de pós-modernidade não está associada à ideia de superação e progresso. Vattimo explica

“O progresso se torna rotina” [...] novos resultados sempre se tornarão alcançáveis, a capacidade de disposição e planejamento os tornará cada vez

menos “novos”. [...] A novidade nada tem de “revolucionário” e perturbador [...] ela é o que permite que as coisas prossigam do mesmo modo (VATTIMO, 1996, p. XII).

Harvey (1992) comunga com Vattimo (1996), ao afirmar que a pós-modernidade passou a denunciar “todo projeto que buscasse emancipação humana universal pela mobilização das forças da tecnologia, da ciência e da razão” (HARVEY, 1992, p.46-47). As respostas totalizantes seriam formas de impor uma única verdade ao outro. Estas verdades eternas e universais são denominadas por Lyotard como metanarrativa.

As metanarrativas, metarrelatos ou metadiscursos são denominados como os saberes e discursos legítimos, uma vez que se encaixariam nos critérios do saber científico, contudo o saber científico não é o único saber existente que se afirma como universal. A partir disto Lyotard considera a pós-modernidade como “a incredulidade em relação aos metarrelatos” (LYOTARD, 2008, p.XVI).

Sendo assim, a exploração das qualidades do discurso humano, considerando o pluralismo de narrativas existentes, gerou uma preocupação com a alteridade. No que diz respeito ao pluralismo, Harvey (1992) afirma:

Hyssens (1084) fustiga particularmente o imperialismo de uma realidade iluminada que presumia falar pelos outros (povos colonizados, negros e minorias, grupos religiosos, mulheres, a classe trabalhadora) como uma voz unificada. [...] A ideia de que todos os grupos têm o direito de falar por si mesmo, com sua própria voz, e de ter aceita essa voz como autêntica e legítima, é essencial para o pluralismo pós-moderno (HARVEY, 1992, p.52).

Na concepção da pós-modernidade, o pluralismo deve existir, porém esbarramos constantemente com os discursos homogeneizantes que estão em diversos campos da sociedade, dentre eles a internet, espaço com discursos de resistência à pluralidade de narrativas e em diversos casos a prática do racismo aparece com o intuito de realizar a manutenção de um discurso único que não considera a diversidade étnico-racial.

### **3. RACISMO E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Nos dias atuais, ainda se perpetua o fenômeno do racismo, sendo assim a esperança da sociedade moderna em evoluir para um nível no qual a diversidade humana, seja ela de gênero, raça, classe social, ou opção religiosa, seria reconhecida de maneira igualitária parece não se materializar. Ao contrário disto, evidencia-se uma ampliação do discurso de ódio, agressões físicas e verbais de cunho racial e os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade parecem estar diluídos.



Não é incomum ouvirmos que as reflexões sobre raça seriam inadequadas, uma vez que biologicamente não há distinção racial em relação ao ser humano. Por isso, vale ressaltarmos que o conceito de raça no âmbito biológico é inquestionavelmente inexistente, apesar de reconhecermos que o argumento da distinção biológica ter servido ao processo de exploração racial.

É importante reconhecer o intuito por trás das tentativas de rechaçar os debates raciais na contemporaneidade. Moore (2007) reflete sobre o processo de banalização do racismo e faz as seguintes ponderações:

Em uma sociedade fundamentalmente racializada, como são todas as sociedades do Continente Americano e a maioria das sociedades do Planeta, a subestimação e a trivialização do racismo procedem de uma necessidade puramente ideológica. Em primeiro lugar, trata-se de legitimar e consolidar a posição do segmento racial dominante, mediante um discurso e práticas conscientemente orientadas para a manutenção de um *status quo*. Mas a trivialização do racismo também procede do intento do segmento dominante de deslegitimar as crescentes lutas reivindicatórias das populações salvo do racismo. A banalização do racismo visa a criar a impressão de que “tudo anda bem” na sociedade, imprimindo um caráter banal às distorções socioeconômicas entre as populações de diferentes “raças”. Os que acreditam no contrário podem ser julgados “revoltosos”, “inconformados” e, até mesmo, “racistas às avessas”. Contra estes, a “boa sociedade” estaria legitimada a organizar vigorosas ações de repressão. Essa expansão e aceitação do racismo conduzem, inexoravelmente, à sua banalização (MOORE, 2007, p.29).

Não obstante, o conceito de raça se perpetua na construção social e cultural das sociedades, apesar da comprovação que a cor da pele e o fenótipo não possuem significativa relevância no genoma humano. Parece que a evidência biológica não é o suficiente para romper com as convicções das pessoas em hierarquizar os indivíduos por raça, pois ela dita regras sociais, carregadas de preconceitos e estereótipos, que juntos culminam na construção do racismo.

No Brasil, podemos afirmar que o processo de racialização da sociedade ocorreu de maneira peculiar em relação a outros locais do mundo, pois aqui podemos afirmar a perpetuação do discurso da democracia racial. De acordo com Schwarcz (1993) no fim do século XIX, o Brasil configurava um país singular, dada a espetacular miscigenação racial que o compunha. Apesar de descrito como uma nação extremamente miscigenada, o discurso era que estávamos caminhando para uma transição, que supostamente levaria a uma população branca.

A miscigenação racial brasileira era reconhecida, porém era tratada como atraso nacional, e, que a ascensão só seria conquistada a partir da política de branqueamento. Estas teorias foram reprovadas antes mesmo de se consolidarem no Brasil, “Ora entendidos como “subciência”, ora como cópias desautorizadas do imperialismo europeu,

as teorias raciais de larga vigência no período foram condenadas antes de serem compreendidas [...]” (SCHWARCZ, 1993. p.15).

A mestiçagem teve como resultado a recriação de novas nomenclaturas para classificar os indivíduos como: o mulato, pardo, moreno. O mestiço seria a comprovação da suposta “democracia racial” brasileira. Abdias do Nascimento comenta sobre o estabelecimento do mulato como símbolo da mistura brasileira:

E estabelecendo o tipo mulato como o primeiro degrau na escada da branquificação sistemática do povo brasileiro, ele é o marco que assinala o início da liquidação da raça negra no Brasil. Porém, a despeito de qualquer vantagem de *status* social como ponte étnica destinada à salvação da raça ariana, a posição do mulato essencialmente se equivale àquela do negro: ambos vítimas de igual desprezo, idêntico preconceito e discriminação, cercado pelo mesmo desdém da sociedade brasileira institucionalmente branca (NASCIMENTO, 1978, p.69).

Nascimento (1978) nos mostra que a condição de mestiço não isentava os indivíduos de serem alvo do racismo. Dentro do status social o mulato apresentava equivalência ao negro em uma sociedade institucionalmente branca. O mito da democracia racial brasileira se perpetuou no imaginário brasileiro, e ainda hoje há quem concorde com esse ideário. Essa é uma forma de banalização de reflexões raciais, como apresentou Moore (2007) acima Guimarães (2006) reforça:

[...] o mito, antes de ser uma “falsa consciência”, é um conjunto de valores que tem efeitos concretos nas práticas dos indivíduos. O mito da democracia racial, portanto, não poderia ser interpretado apenas como “ilusão”, pois em grande medida fora e ainda é um ideário importante para amainar e coibir preconceitos. (GUIMARÃES, 2006, p.269)

Percebe-se que no Brasil a tentativa de solucionar a “problemática” racial foi feita pela miscigenação com o objetivo do branqueamento. Olhando os dias atuais e os censos demográficos, percebe-se que esta transição rumo ao branqueamento não se efetivou. Os dados demográficos recolhidos no censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) presentes na tabela abaixo mostram que 50% da população brasileira correspondem a pessoas que se identificam como preta ou parda.

Tabela 4: **POPULAÇÃO RESIDENTE NO BRASIL POR COR OU RAÇA**

Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
100%	47,51	7,52	1,1	43,42	0,43

Fonte: IBGE – Censo Demográfico, 2010. Org. XAVIER, T.

Todavia, ao longo da história, autores se comprometeram em denunciar a democracia racial como um mito, com objetivo de mostrar o fosso que separa a sociedade brasileira no que diz respeito à raça. Dentre os autores responsáveis por denunciar e agitar as reflexões sobre o problema racial brasileiro, podemos destacar Abdias do Nascimento.

Defender a ideia da democracia racial como um mito esbarra em alguns pontos de resistência, dentre os quais podemos citar a ideia de unidade nacional. No ano eleitoral de 2018, foi possível presenciar no Brasil a propagação do discurso de justiça social para todos os brasileiros, independente de característica racial, gênero, opção sexual ou religiosa. Tal discurso, através de um olhar superficial, consegue agradar e ganhar diversos adeptos. Apesar de se tratar de algo bastante recente, o discurso da unidade nacional surge com o objetivo de retaliar qualquer tipo de discussão que considere os setores de minorias brasileiras, inclusive os que tratam da temática racial.

Nascimento (1978), na década de 70, já ressaltava este discurso como forma de impedir os debates raciais no Brasil,

O processo tem sua justificativa numa alegação de "justiça social": todos são brasileiros, seja ele negro, branco, mulato, índio, ou asiático. Em verdade, porém, a camada dominante simplesmente considera qualquer movimento de conscientização afro-brasileira como ameaça ou agressão retaliativa. E até mesmo se menciona que nessas ocasiões os negros estão tratando de impôr ao país uma suposta superioridade racial negra ... Qualquer esforço por parte do afro-brasileiro esbarra nesse obstáculo. A ele não se permite esclarecer-se e compreender a própria situação no contexto do país; isso significa, para as forças no poder, ameaça à segurança nacional, tentativa de desintegração da sociedade brasileira e da unidade nacional. (NASCIMENTO, 1978, p.78 – 79)

Tais posições discursivas tinham e/ou têm como objetivo de deslegitimar e considerar subversivos os movimentos sociais por direitos afro-brasileiros, e negar-lhes os meios de lutar contra as injustiças raciais, tudo em nome de preservar o título de “democracia racial” brasileira.

Ao longo da história brasileira, a denúncia contra o racismo ganhou força. Tivemos conquistas consideráveis, inclusive no âmbito educacional, como a Lei 10639/03 e 11.645/08. Mas o racismo parece se reconfigurar ao longo dos tempos e novas roupagens surgem. Para Moore (2007), a narrativa esperançosa do desenvolvimento da sociedade, através do progresso científico, da educação, acesso às mais variadas ferramentas tecnológicas, e a afirmativa que estas seriam responsáveis pelo declínio do fenômeno do racismo, apresenta-se frágil em decorrência dos diversos problemas raciais enfrentados na contemporaneidade. Cada vez que o racismo recua, ele o faz somente

diante de uma ferrenha oposição. E cada vez que essa oposição enfraquece, ele começa novamente a ganhar novos espaços, continuando a evoluir (MOORE, 2007, p.289).

Como o autor acima afirma, o racismo vive uma metamorfose ao longo dos tempos e Ianni (2004, p. 21) comunga, ao dizer, “Modifica-se ao acaso das situações, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, mas reitera-se continuamente, modificada, mas persistente. Compreende-se que a sociedade moderna não deu conta de solucionar os dilemas raciais de seu tempo através da racionalidade apregoada pelo pensamento moderno.

A modernidade pauta o significado de desenvolvimento e valor dos grupos a partir do referencial da civilização ocidental como o legítimo e evoluído. Os estudos sobre o colonialismo e pensamento decolonial nos ajudam a compreender melhor esta relação de centralidade europeia em relação ao mundo ocidental. Neste sentido, Ianni (2004) reconhece a frustração do discurso do mundo moderno em relação às questões raciais.

São dilemas que se desenvolvem com a modernidade, demonstrando que o desencantamento do mundo” como metáfora do esclarecimento e da emancipação, continua a ser desafiada por preconceitos e superstições, intolerâncias e racismos, irracionalismos e idiosincrasias, interesses e ideologias [...]Sim, no século XXI continuam a desenvolver-se operações de “limpeza étnica”, praticadas em diferentes países e colônias, compreendendo inclusive países do “primeiro-mundo”; uma prática “oficializada” pelo nazismo nos anos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), atingindo judeus, ciganos, comunistas e outros; em nome da “civilização ocidental”, colonizando, combatendo ou mutilando outras “civilizações”, outros povos ou etnias. (IANNI,2004, p.22)

São inegáveis as contribuições da modernidade em nossa sociedade, mas o dilema racial permanece. Ianni (2004) define a dialética do escravo e do senhor como uma metáfora presente nos diferentes círculos sociais do mundo moderno, “envolvendo tanto etnias e raças, como a mulher e o homem [...] árabe e o judeu, o ocidental e o oriental, [...] os sul-africanos e os bôers ou afrikaners” (IANNI, 2004, p.27). Ao longo do tempo e da escala mundial, esses jogos de força sociais vão se reconfigurando.

O aumento dos debates em relação à diversidade com o intuito de desmistificar e recriar novos círculos de relações sociais, são perceptíveis, inclusive no âmbito racial, porém, isso não garante o rompimento do paradigma racial do imaginário social. Moore (2007) reflete sobre a efetividade do discurso da diversidade para a questão do racismo:

O problema da sociedade racializada não é tanto a presença ou não de “diversidade” e seu reconhecimento formal como um dado social ou cultural, mas o reconhecimento positivo da *diferença* no sentido da aceitação do Outro Total, e das dinâmicas singulares que lhe são constitutivamente próprias. É por isso que, se não for ancorada num contexto de profundas mudanças estruturais visando ao desmantelamento das desigualdades sociorraciais, a promoção da “diversidade” pode, rapidamente, se revelar como uma nova tentativa de auto-engano. (MOORE, 2007, p.292)

Entender os modelos de relações raciais dentro do contexto da globalização torna-se imprescindível, uma vez que as transformações das relações das sociedades mundiais estão atreladas ao fenômeno globalizante. De acordo com Moore (2004), a globalização cria novos modelos de relações raciais. Já foi reconhecido em análise sobre a globalização e criação do mundo em rede, que a circulação da informação e do conhecimento ganhou escalas mundiais. Também foi debatido que, apesar das transformações tecnológicas e propagação do conhecimento científico, o racismo não recuou, ao contrário, ganhou expansão em escala planetária, como pontua Ianni (2004) em suas pesquisas.

Para Moore (2007), o racismo está inserido em uma brutal e excludente dinâmica socioeconômica no século XXI. Diferente dos sistemas de opressão antigos que utilizavam métodos brutais como matar ou escravizar os indivíduos, no âmbito da contemporaneidade,

tem criado um novo modelo de relações raciais em que os subalternizados, cuja sorte é ainda pior, no entanto, vivem a ilusão de ver a si próprios mundialmente retratados em uma “foto de família”: sorridentes, com uma cor da pele mais clara, dotados de feições mais “finas” e plenamente integrados à nova cultura homogeneizada de massas que o capitalismo mundial promete a suas elites (MOORE, 2007, p.291).

Moore (2007) afirma que a globalização teria como consequência espalhar sistematicamente o ódio racial, porém, de maneira mais sutil, perpetua as posições sociais estabelecidas pelas condições da raça. Ianni (2004) corrobora ao sustentar que

essa ideologia racial é transmitida por gerações e gerações, através dos meios de comunicação, da indústria cultural, envolvendo também sistema de ensino, instituições religiosas e partidos políticos; e tem sido, continuando a ser, um componente nuclear da cultura da modernidade burguesa ( IANNI, 2004, p.24-25)

A internet pode ser definida como meio de comunicação e tem se configurado como um espaço de estabelecimento de relações sociais como um todo, inclusive de relações raciais, como Ianni (2004) citou acima, através de *sites*, *blogs*, *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e outras ferramentas digitais.

As redes sociais são produtos das novas tecnologias, criadas pela Revolução Cibernética, também denominada Revolução Técnico – Científico Informacional, que estão disponíveis na internet, como o *Facebook*, por exemplo. Tendo em vista que as relações no ciberespaço são uma reestruturação de elementos do espaço real, sendo o racismo uma realidade social, este se manifesta através das ferramentas comunicacionais contemporâneas.

Uma vez que o *Facebook* é um espaço interativo, presumimos que as mensagens expostas são carregadas de sentidos dados pelos próprios usuários do aplicativo, logo, as mensagens de cunho discriminatório relevam o posicionamento de seus membros, utilizando o anonimato como seu maior trunfo para a impunidade. Não são poucos os casos que ganharam repercussão no Brasil, como os casos da atriz Thaís Araújo, que recebeu ataques por meio de comentários em sua página pessoal, e o da repórter Maria Julia Coutinho (Maju), na página do Jornal Nacional e, posteriormente em seus perfis privados. Elas foram alvo de comentários de cunho racista no facebook. Podemos ver abaixo comentários publicados no facebook em relação a elas.

Figura 8- Taís Araújo recebe comentários racistas em página no Facebook



Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/03/1750488-policia-tenta-prender-autores-de-mensagens-racistas-contra-tais-araujo.shtml>.

Figura 9 – Comentário de ataque racista a Maju



Fonte: <https://www.geledes.org.br/maju-sofre-novo-ataque-racista-na-internet/>

Fica evidente que as redes sociais trouxeram aspectos negativos para a sociedade, ao expandir as fronteiras de propagação do racismo. Mostram também que os mecanismos de manutenção do racismo continuam se perpetuando, independente dos meios de comunicação.

Medidas são tomadas de acordo com a lei para tentar conter os crimes de racismo no ciberespaço muitas vezes percebemos que a lei não é cumprida devido à falta de informação sobre a possibilidade de criminalizar atos que ocorram na internet, ou pela falta de interesse dos órgãos públicos em lidar com a questão racial.

Da mesma forma que pessoas públicas, como artistas e apresentadores de telejornais sofrem com o racismo no ciberespaço, pessoas “normais” do nosso cotidiano, distantes da esfera pública, também passam constantemente por experiências de racismo na internet.

Considerando o público jovem em idade escolar como parte significativa dos usuários da internet, devemos refletir sobre a dinâmica escolar em relação ao racismo e a prática do racismo através do ciberespaço.

### **3.1. Reflexões sobre a educação antirracista no ciberespaço**

Ao longo do texto foram feitas reflexões sobre as transformações da sociedade, o estabelecimento do Meio-técnico científico informacional e a reconfiguração do racismo na sociedade pós-industrial. Contudo, não podemos excluir os espaços escolares de nossa análise, uma vez que o ambiente escolar, estando inserido na sociedade, passa pelos dilemas que afligem o corpo social como um todo.

Para compreender a configuração escolar brasileira, devemos voltar um pouco no tempo. Segundo Menezes e Sanchez (2000), o direito da população negra à escola no período que se seguia à abolição da escravidão ocorreu de maneira lenta, uma vez que não houve uma política durante o Brasil Império para o acesso à escolarização da população negra, impedindo que pudessem exercer a cidadania em sua plenitude, já que o acesso à educação era restrito.

Durante o início da República o sistema educacional passa a ser organizado por cada Estado Membro Federado, garantindo o direito à educação de acordo com a capacidade de manutenção das escolas. Através de censos demográficos de 1890 até 1980, Menezes e Sanchez (2000) identificam que os índices de alfabetização de acordo com a cor da pele mostravam a desigualdade de acesso e uma lenta inclusão da população negra à escolarização. Tal aspecto se torna ainda mais preocupante ao destacarmos que ser alfabetizado era um critério para a realização do voto, sendo assim a população negra teve seu exercício de cidadania negado em decorrência da dinâmica de exclusão no sistema escolar.

Percebe-se que na gênese da formação do sistema escolar brasileiro a segregação racial se fez/ faz presente. A desigualdade racial não é concebida apenas no espaço escolar, na verdade se encontra na composição da história da sociedade brasileira, em diversas instâncias, influenciando inclusive os espaços educacionais.

Um espaço escolar que não aborda a diversidade racial no seu cotidiano escolar estará minando a possibilidade de construir uma sociedade mais igualitária. Ao considerar as causas do racismo existente no Brasil, seja ele de forma velada ou o racismo estrutural e institucional, a educação formal garante a formação de um cidadão que reconheça os problemas sociais e tenha responsabilidade para exigir o exercício pleno da cidadania. Como afirma Cavalleiro,

Compreender e reconhecer a desvantagem que constitui o racismo para o desenvolvimento das relações sociais entre negros e brancos – com a penalização dos cidadãos negros – constitui uma ação fundamental para enfrentar essa falta de equidade. (CAVALLEIRO,2001, p.142)



Para a construção de uma escola que contemple a diversidade presente neste ambiente, é necessária a construção de uma educação antirracista. A prática de uma educação antirracista é caracterizada por Cavalleiro (2001) como:

No cotidiano escolar, a educação anti-racista visa à erradicação do preconceito, das discriminações e de tratamentos diferenciados. Nela, estereótipos e idéias preconcebidas, estejam onde estiverem (meios de comunicação, material didático e de apoio, corpo discente, docente e etc.), precisam ser duramente criticados e banidos. É um caminho que conduz a valorização da igualdade nas relações. E, para isso, o olhar crítico é a ferramenta mestra. (CAVELLEIRO, 200, p.150)

Na concepção da educação antirracista, a diversidade é vista como positiva, com objetivo de combater os sentimentos de inferioridade e superioridade entre os estudantes. Dessa forma, faz-se necessário eliminar atitudes e comportamentos discriminatórios de nosso cotidiano e, assim, possibilitar a união da experiência docente, de jovens (negros e não-negros) na construção do cotidiano escolar.

Entende-se que, apesar dos debates em relação à importância da diversidade étnico-racial, em muitos casos o espaço escolar, acaba por reforçar a hierarquia entre os grupos raciais (CAVALLERO, 2001), seja no silêncio diante dos conflitos raciais ou na utilização de material pedagógico que não contemple a diversidade dos estudantes na escola. A partir da Lei Federal, 10.639, promulgada em janeiro de 2003, o ensino de história e cultura afro-brasileira tornou-se obrigatório e a alteração da mesma, pela Lei 11.645/2008, passou a incluir a temática indígena, a lei serviu de instrumento de combate ao racismo no campo da educação.

As leis colocaram as escolas no desafio de construir uma educação para a igualdade racial. Muitos avanços foram identificados desde então, a criação de centro de pesquisa com temáticas afro-brasileiras e indígenas, como por exemplo, os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABIs), implantados em escolas e universidades federais, o maior número de trabalhos acadêmicos com temática étnico-racial e a criação de linhas de pesquisa em cursos de pós-graduação mostram alguns avanços nas lutas e resistências por uma educação antirracista.

Os avanços nos debates raciais são evidentes, porém também é possível observar novas formas de manifestação do racismo que atingem o ambiente escolar. Ao considerar que estamos inseridos em uma sociedade que estabelece fortes laços sociais através das tecnologias da comunicação e informação, a propagação de mensagens agressivas repercutem no cotidiano escolar e isto nos mostra que devemos refletir sobre as

influências das dinâmicas do ciberespaço na vida das crianças e adolescentes na escola, inclusive no que diz respeito à raça.

O ambiente virtual potencializou a liberdade de expressão, uma vez que todos podem produzir conteúdos através das postagens das redes sociais. Essa suposta liberdade tem servido à divulgação e crescimento de conteúdos racistas. Tendo em vista que o ciclo de convívio da escola é relativamente pequeno, a velocidade de circulação da informação é potencializada, ampliando a velocidade e a escala espacial da violência virtual, já que muitas vezes redes sociais como o *facebook* são instrumentos que tornam as agressões mais patententes.

Em relação à reconfiguração dos casos de violência através da interação em ambientes digitais, Gomes; Savano (2013), afirmam que

As tradicionais relações interpessoais cederam espaço para usuários dinâmicos que interagem entre si mediante um ilimitado rol de ferramentas comunicativas: mensagens simultâneas ou e-mails (via celular, smartphones, tablets, notebooks ou computadores), redes sociais, sites e blogs de relacionamento. Deste modo, pode-se dizer que o *bullying* ganhou um upgrade. (apud Wanzinck; Reis, 2015, p.53)

De acordo com Wanzinck; Reis (2015) o *Bullying* é definido como uma violência severa e repetitiva, podendo ser física ou psicológica. Sua reconfiguração no ciberespaço é identificada como

mensagens de texto utilizando da coerção psicológica com finalidade de ameaçar, perseguir, coagir ou amedrontar, ou ainda por meio da propagação de imagens/vídeos que expõem situações íntimas ou constrangedoras (prática denominada sexting). Esse comportamento agressivo, repetitivo e intencional vem sendo intitulado *cyberbullying* ou *bullying* virtual. (WANZINACK; REIS, 2015, p.54).

É de suma importância pontuar que *cyberbullying* e racismo são fenômenos presentes no espaço escolar, porém, possuem distinções em sua essência. Tratá-los como sinônimo reduziria a complexidade histórica da construção e manutenção do racismo no Brasil e no mundo.

De acordo com Munanga (2003), o racismo se caracteriza como: uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. (MUNANGA, 2003, p.8). Tratar o racismo na escola como uma ramificação do *bullying* é persistir no discurso do mito da democracia racial, uma vez que nega os conflitos étnico-raciais em detrimento da intimidação decorrente do *bullying*, que apesar de ser combatido no espaço escolar, é melhor aceito, do que reconhecer que a escola tem práticas racistas em seu interior.

A relutância em reconhecer os problemas étnico-raciais dentro da escola impede que sejam estabelecidas medidas de eliminação do racismo, tornando a equipe escolar conivente com a discriminação racial. Sendo assim, o bullying surge como um artifício para encobrir o racismo nas escolas. Segundo Bernardo e Maciel (2015, p.199), “O *bullying* cai como uma luva no mito da democracia racial, seja na omissão da escola diante do fato, por conta do racismo institucional, seja na supervalorização simbólica da brancura”.

Quando o comportamento racista entre os colegas é transferido para o espaço da internet, o discurso de cyberbullying também aparece como argumentação, mascarando o racismo no espaço virtual. A prática do racismo tem se reconfigurado na escola, utilizando a internet como ferramenta para o anonimato, difusão de conteúdo facilitada e uma suposta liberdade de expressão como argumento para cometer o racismo.

A escola não pode estar alheia às transformações da sociedade. Reconhecer os conflitos no ciberespaço e possibilitar uma nova abordagem nas escolas diante do racismo nestes ‘novos espaços’ se torna essencial. Cada vez mais as instituições educacionais devem promover discussões que eliminem a prática excludente e homogeneizadora em nossa sociedade. No caso da internet e do espaço virtual, é importante ressaltar a importância de utilizar as ferramentas tecnológicas com cautela e de maneira crítica, a fim de possibilitar que o ambiente online promova o respeito às diferenças. De acordo com Silva e Pereira (2012)

O estudante, ao ser formado, necessita receber cautelosamente os conteúdos veiculados e alertado sobre as formas de difundir com responsabilidade suas opiniões e ideias na rede. Para tanto, os cursos de formação de professores podem contemplar a discussão sobre as mídias nas diferentes disciplinas pertinentes ao trabalho didático, revelando seus limites e suas possibilidades e subsidiando a criticidade, a criatividade e a consciência da atuação desse profissional. É nessa perspectiva que se pode abordar a oposição respeito *versus* preconceito do ambiente virtual. (SILVA; PEREIRA, 2012, p.140)

Sendo assim, é urgente a necessidade de debater e conscientizar professores e alunos da necessidade de lutar pelo fim do racismo no ambiente virtual e escolar.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As novas tecnologias da informação e comunicação são responsáveis por esculpir novas dinâmicas na sociedade. Elas ampliaram significativamente as relações humanas, apesar disto, o racismo é um aspecto que foi transportado para o ciberespaço através do comportamento de seus usuários.

Foi possível compreender que a instauração do mundo em redes em decorrência do processo da globalização e desenvolvimento técnico do ser humano tem criado ferramentas de circulação de informação cada vez mais velozes. O racismo infelizmente tem se mantido na sociedade moderna, permeando diversas instâncias da vida contemporânea, e a internet tem sido uma ferramenta eficaz para grupos e pessoas racistas. Tais práticas foram incrementadas no cotidiano das escolas e tem afligindo estudantes em diversos locais do país, seja com o racismo diretamente no espaço escolar, seja sofrendo o racismo por meio do ciberespaço.

A educação para o uso da mídia de comunicação é algo que deve ser implantado nas escolas e o racismo de maneira alguma pode ser banalizado ou trivializado em nossa sociedade. As reflexões feitas ao longo do trabalho mostram o quanto é necessário desenvolver pesquisas direcionadas a compreensão das redes sociais digitais e novas formas de propagação do racismo na escola.

#### 4. REFERÊNCIAS

ACIOLI, Sonia. **Redes sociais e teoria social: Revendo os fundamentos do conceito.** Londrina, v. 12, n. esp., 2007.

ANATEL. **Relatório Técnico-Destaques na PNAD TIC.** 2a Edição. 2018. Disponível em: <https://cloud.anatel.gov.br/index.php/s/MuNsKFe1NENFbYW>. Acessado: 11 de novembro de 2019.

ASSIS, Marcelo Francisco de; AMORIM, Cleyde Rodrigues. **Racismo@online.com.br.** Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.I.], v.2, n. 4, p. 131-149, jun. 2011. ISSN 2177-2770. Disponível em: < > Acessado em: 01 de outubro de 2019.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha. A aventura da Modernidade.** São Paulo, Editora Schwarcz, 1986.

BERNARDO, Teresinha, MACIEL, Regimeire. **Racismo e educação: um conflito constante.** Contemporânea, v. 5, n. 1 p.191-205.Jan.–Jun. 2015. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/302/134>. Acessado: 10 de novembro de 2019.

BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008.** Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. 115

BRASIL. Ministério da Educação. **“Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana”.** Novembro de 2009.

CASTELLS, Manuel, **A sociedade em rede.** 6º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo. Selo Negro, 2001. p. 141 – 160.

CORREIA, Pedro; MOREIRA, Maria. Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. **ALCEU**, v. 14, n.28, p. 168 a 187, jan./jun. 2014

GELEDÉS. **Majú sofre novo ataque racista na internet.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/maju-sofre-novo-ataque-racista-na-internet/> . Acessado em: 12 de outubro de 2019.

GOMES, Nilma. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GUIMARÃES, Antonio. **Depois da democracia racial**. Tempo Social v. 18, n. 2, p. 269-287, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000200014> Acessado em: 10 de setembro de 2019.

IBGE, **População residente por cor ou raça, sexo, situação do domicílio e grupos de idade - Amostra - Características Gerais da População**. Censo Demográfico, 2010.

FOLHA DE S. PAULO. “**Cinco suspeitos são detidos por ofensas racistas contra Taís Araújo**”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/03/1750488-policia-tenta-prender-autores-de-mensagens-racistas-contratais-araujo.shtml>. Acessado em: 12 de outubro de 2019.

HARVEY, **Condição Pós – Moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 25ª edição. Edições Loyola, São Paulo, 1992.

IANNI, Octavio. **Dialética das relações raciais**. *Estudos Avançados*, vol. 18, n. 50, 2004.

INTERNET WORLD STATS. **Internet Usage and Population in South America**. Disponível em: <https://www.internetworldstats.com/stats15.htm> . Acessado: 10 de junho de 2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999. Disponível em: <https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf>.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**; 10ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MENEZES, Maria Nazaré; SANCHEZ, Carlos Ramon. **Educação e identidade negra**. In: Educação, racismo e anti-racismo. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Salvador: Novos Toques, n.4, 2000.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05 de novembro de 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acessado em: 10 de novembro de 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978b.

SAFERNET. **Anonimato**. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/anonimato>>. Acessado: 21 de agosto de 2019.

SAFERNET BRASIL. **Quem somos?**. Disponível em:<  
<https://www.safernet.org.br/site/institucional>>. Acessado:25 de agosto de 2019.

SANTOS, Clézio. Ensino de Geografia: história e cultura africana e afro-brasileira no espaço escolar. In. MONTEIRO, Rosana (org.). **Práticas Pedagógicas para ensino de História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena no Ensino Médio: sociologia, história, filosofia, geografia**. Seropédica, UFRRJ/Evangraf, 2013.

SANTOS, Milton, **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**.-6º ed. – Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional**, Hucitec, São Paulo, 1994. (4ª edição: 1998)

SCHWARZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Carlos e TANCAMAN, Michéle. **A dimensão socioespacial do ciberespaço: uma nota**. Rio de Janeiro, 1999.

SILVA, Alice Felisberto da; PEREIRA, Jacira Helena do Valle. **Internet, Diversidade Cultural e Formação de professores: o papel do ambiente como espaço educativo para o respeito às diferenças**. Revista Eletrônica *Pesquiseduca* – p. 126-142 v.04, n. 07, jan.-jul. 2012. Disponível em:  
<http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/view/175>. Acessado: 10 de novembro de 2019.

TOMAÉL, Maria; ALCARÁ, Adriana; DI CHIARA, Ivone. **Das redes sociais a inovação**. Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade. Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WANZINACK, Clóvis; REIS, Clóvis. **Cyberbullying e Globalização da Tecnologia: um estudo territorial no Litoral do Paraná**. Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar, Matinhos, v. 8, n. 1, p. 51-57, jan./jun. 2015 ISSN 1983-8921. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/43877/26611>. Acessado: 10 de dezembro de 2019.